

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA



ANDRÉ FRANCISCO REVERT

Graduado em Educação Física pela UNINOVE (2010); licenciado em educação Física pela UNINOVE (2011) e Professor de Educação Física na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo .

RESUMO

Este artigo discute a metodologia nas aulas de Educação Física. Aborda a origem desse componente curricular, sua função inicial e como a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais promovem mudanças significativas. Embora ainda subvalorizadas, essas aulas contribuem para o desenvolvimento individual e despertam o interesse dos alunos por exercícios. A recreação, através de jogos, danças, lutas ou ginástica, é vista como benéfica para a saúde, desenvolvimento de habilidades e construção de caráter. Paulo Freire destaca a importância de educadores críticos e progressistas, enfatizando a relação entre teoria e prática, a práxis. O artigo reflete sobre como suas ideias podem aprimorar práticas pedagógicas e promover aprendizagem significativa nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Metodologia Educacional; LDB; Parâmetros Curriculares Nacionais; Prática Pedagógica; Paulo Freire; Aprendizagem Significativa; Formação Do Indivíduo.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas aproximações entre a prática pedagógica nas aulas de Educação Física com as ideias Freirianas. Paulo Freire (1921 – 1997) um educador que esteve afrente de seu tempo e que contribui imensamente até os dias atuais com suas ideias e “métodos” sobre a prática pedagógica no processo educacional no Brasil e no mundo, caminhando em direção à educação libertadora, principalmente dos excluídos encontra o ideário neoliberal. A Educação Física na escola ainda hoje permanece atrelada a prática pedagógica que exclui os menos aptos fisicamente com conteúdo e estratégias que se confundem. Assim sendo, o presente ensaio procura apresentar a crise do paradigma dominante da Educação Física e o paradigma emergente: o conceito da Cinesiologia Humana, com as ideias Freirianas com ênfase nas catego-

rias da Pedagogia da Autonomia e que oferecem grandes contribuições para a prática pedagógica, inclusive para o professor de Educação Física. O artigo pode causar estranhamento nas pessoas, pois quando nos referimos ao componente curricular Educação Física, a ideia aceita e transmitida culturalmente, relaciona as aulas com momentos para relaxar o corpo, treinar uma modalidade esportiva ou se exercitar. Estudar nas aulas de Educação Física? Para responder a esta questão impertinente basta lembrar-se de como foi a sua Educação Física e com certeza virão à mente momentos que permeiam uma vastidão de sentimentos. Enquanto nas outras disciplinas “estudamos” aprendemos alguma coisa, na Educação Física é a hora do “fazer”, sem necessariamente envolver a relação com o aprendizado de algum conhecimento específico.

A Educação Física que também é um componente curricular de acordo com a LDB (BRASIL, 1996), incluída na base Nacional comum no ensino fundamental e médio e, portanto, com a mesma importância que os clássicos, devemos possibilitar os (as) alunos (as) estudar e aprender conhecimentos relacionados com essas áreas específicas.

Da mesma maneira Mariz de Oliveira (2006, p.6) afirma que:

quando nos referimos à instituição Escola em geral, quaisquer que sejam as suas fases na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, pressupomos professores ensinando e alunos aprendendo conhecimentos próprios e específicos que caracterizam os componentes curriculares tais como, entre os clássicos e os mais popularmente lembrados, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências (Biologia, Química, Física), Geografia, e História.

Considerar a Educação Física escolar independente dos níveis de ensino, nos dias de hoje é com certeza um grande desafio, por conta de uma diversidade de entendimentos, práticas pedagógicas e abordagens conflitantes e contraditórias sobre a área. Para a sociedade em geral e grande parte da comunidade escolar, na educação física é o momento mais aguardado para alguns alunos (as) como o mais odiado para outros (as), estabelecendo assim uma crise do paradigma dominante dessa Educação Física. Estabelecendo uma relação com as ideias de Boaventura Souza Santos (2010) há diversos sinais de que o paradigma dominante atravessa uma crise que, além de profunda, é irreversível. Na Educação Física a crise do paradigma dominante se dá por conta de várias evidências, legais, factuais e sociais.

Apesar de incluída na LDB de 9394/96 a redação como componente curricular a Educação Física ainda traz claras evidências de um tratamento e entendimento diferente dos demais componentes, sendo, “sua prática facultativa ao aluno (I) – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (II) – maior de trinta anos de idade; (III) – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; (VI) – que tenha prole”.

A Educação Física que atualmente se vê nas escolas brasileiras vem perdendo seu espaço na matriz curricular, por conta das práticas pedagógicas descontextualizadas e à iniciação e aperfeiçoamento do treinamento esportivo desenvolvido durante as aulas. Enquanto professor de prática de Ensino no ensino superior e formador de professores na rede particular de ensino, vemos corriqueiramente relatos de casos de “terceirização” da Educação Física, onde a sua prática é realizada fora da grade e com turmas agrupadas ou fora do âmbito escolar, praticada em academias de ginástica. Alguns estudos trouxeram à tona a fragilidade da nossa área e a crise no qual

se encontra (Oyama, 1995), (Silveira & Tani, 2008), além de sua possível extinção (Bressan, 1979), (Brito, 1969). De acordo com Cone (2014) por conta da confusão estabelecida pela indefinição de objetivos claros e conteúdos específicos, o professor de educação física no âmbito vai desaparecer e se tornará num instrutor de atividade física desenvolvendo programas de atividades físicas.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE

No Brasil a Educação Física serviu a interesses políticos e sociais relacionando as aulas em programas de atividades físicas utilizando métodos de ginásticas muitos difundidos na Europa visando o vigor orgânico ou mesmo um programa de treinamento esportivo. O Esporte enquanto manifestação da cultura serviu como principal conteúdo desenvolvido nas aulas de educação física e o principal objetivo foram e têm sido desenvolver o potencial técnico esportivo dos alunos através de exercícios e jogos que aprimorem os fundamentos e táticas de algumas modalidades esportivas. O jogo, o esporte, as atividades rítmicas e a luta ainda são os conteúdos apresentados pelos PCN de Educação Física (BRASIL, 1996) e trazem resquícios de um currículo que ainda evidencia a doutrinação esportivista, característica dos fins esportivos, confundindo fins com meios, isto é, as orientações didáticas e conteúdo.

Historicamente no Brasil a Educação Física Escolar teve prioritariamente suas aulas indo ao encontro de interesses políticos, ideológicos, resultantes de modelos hegemônicos eurocêntricos, e incorporados sem nenhum rigor acadêmico. Na Inglaterra, devido à dinâmica das relações sociais durante a Revolução Industrial (século XVIII) nota-se o enriquecimento da classe de comerciantes que influenciou o sistema educacional inglês e promoveu a abertura das escolas e universidades das classes altas, levando à convivência entre as classes sociais dos filhos dos aristocratas e dos ricos comerciantes. A tradição da alta classe inglesa considerava a liberdade fundamental para a formação de um espírito independente e as instituições de ensino permitiam aos alunos o direito de desfrutar o seu tempo livre da maneira que quisessem. Com o passar do tempo, entretanto, começaram a surgir situações de vandalismo, crueldade e vulgaridade, praticadas pelos estudantes ingleses. As autoridades educacionais foram obrigadas a instalar um sistema de vigilância sobre os alunos que repercutiu na organização das atividades esportivas. Algumas atividades foram proibidas, outras, criadas, enquanto a maior parte passou a ser regulamentada. Essa regulamentação caracteriza o esporte até os dias de hoje. As regras são rígidas, há árbitros para aplicá-las e os atletas que não as seguem são punidos. As classes dominantes passaram então a utilizar o esporte como forma de controle sobre os adolescentes e este passou a fazer parte da grade curricular nas instituições de ensino. O esporte foi utilizado para “forjar o caráter” dos futuros líderes que atuariam em diferentes frentes na administração do império colonial britânico. A influência colonial da Inglaterra e as características que o esporte assumiu no período fizeram com que ele fosse exportado a todos os continentes. (RIBEIRO; VASQUINHO, 2012).

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM A TIPIFICAÇÃO ESPORTIVA

Toda metodologia de ensino da Educação Física, nas escolas, mantém essas raízes em práticas anteriormente ligadas a produção de trabalhadores aptos física e moralmente. O desenvolvimento das aulas com a tipificação esportiva fez com a Educação Física no Brasil torna-se um componente diferente dentro da proposta pedagógica da escola; o professor de educação física atuando como um técnico e/ou preparador físico, os alunos considerados como atletas e os conteúdos voltados para um programa de iniciação esportiva. No esporte a figura do técnico e/ou treinador está invariavelmente relacionada com a preocupação do rendimento orgânico, funcional e tático do atleta visando à competição. Para isso, lança-se mão de programas de treinamento físicos e tático extenuantes no qual a repetição busca levar a perfeição. O atleta é submetido a incansáveis programas de treinamento transformando-o num mero coadjuvante nesse processo primitivo de aprendizagem. Segundo Louro (1999) as práticas escolares continuam solidificando a distinção dos indivíduos feita através de suas capacidades físicas e de seu sexo biológico, através da noção de papéis sociais ligados a cada gênero. E principalmente os professores em suas aulas deveriam levar em conta o contexto dos alunos em que os alunos estão inseridos, qual seja a relevância social, isto é, a bagagem social que cada aluno traz em si, devendo-se conseguir inserir esse aluno no contexto da aula, fazendo com que todos convivam em grupo. Entendemos, portanto, que o Esporte privilegia:

(1) os mais aptos fisicamente e habilidosos,

(2) o treinamento orgânico, funcional e tático dos atletas enquanto o componente curricular Educação Física deve possibilitar a inclusão de todos, a construção de conhecimentos relevantes para o enfrentamento de diversas situações do cotidiano. Assim o papel do professor de Educação Física diferentemente do treinador e técnico deve possibilitar uma reflexão sobre sua prática pedagógica considerando e a sua formação. Cabe ao professor incentivar a participação do aluno nas aulas, mostrando a importância de assumir compromisso com as atividades propostas afinal, embora não pareça, a matéria é tão importante quanto às outras e reflete resultados no fim do ano letivo. Como eixo norteador de sua prática pedagógica Freire defende que “formar” é muito mais que formar o ser humano em suas destrezas, atentando para a necessidade de formação ética dos educadores, conscientizando-os sobre a importância de estimular os educandos a uma reflexão crítica da realidade em que está inserida. Além do papel de formador o professor tem o papel de fazer o aluno compreender quais as suas responsabilidades, a Educação Física beneficia os alunos através do autoconhecimento e autoconfiança, socialização, desperta o espírito de equipe, melhora a autoestima, favorece o desenvolvimento motor, sem contar que por meio da prática regular de exercícios físicos é possível reduzir o risco de doenças relacionadas ao coração e pressão arterial, ajuda no ganho de resistência muscular e equilíbrio dos níveis de colesterol, por exemplo.

Paulo Freire ressalta em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, a importância de se levar a sério a formação, pois só assim determinará sua competência científica. Portanto, um professor de Educação Física deve ter claro do seu papel junto aos alunos e distinguir instituições e manifestações para que não se reproduzam práticas pedagógicas descontextualizadas, assim “saber fazer” atualmente num mundo globalizado e muito importante, porém, de pouco adianta se os alunos desconhecessem o “porquê” e “para quê” fazer e com certeza a atribuição de valores e atitudes sobre o que é vivenciado é fundamental para se formar seres humanos críticos e conscientes de

seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Sendo assim, relembro a ideia apresentada por Freire que ensinar não é transferir conhecimento, nem conteúdo. Considerando então essas palavras, devemos ter claras nossas intenções e funções considerando a especificidade da escola. Antes de Professor de “algo” somos professores. Portanto, professor é um ensinador? É um treinador? É um educador? Ou é simplesmente professor? Esse ato democrático deve então possibilitar a construção de conhecimentos sobre coisas específicas e que possibilitem o acesso e a participação coletiva desses saberes. “Quem ensina, ensina alguma coisa, a alguém.”

Paulo Freire ainda destaca a importância de propiciar condições aos educandos em suas socializações com os outros e com o professor, de testar a experiência de assumir-se como um ser histórico e social, que pensa que critica, que opina, que tem sonhos, se comunica e que dá sugestões. Acredita que a educação é uma forma de transformação da realidade que não é neutra e nem indiferente, mas que tanto pode destruir a ideologia dominante como mantê-la. O professor de Educação Física ao reproduzir esse modelo baseado no pensamento neoliberal estimula a competição entre os alunos (as), propondo jogos de modalidades esportivas que privilegiam os habilidosos e fortes, enquanto exclui a maioria dos alunos que se conformam em ser simples espectadores. De acordo com Gonçalves (1994), as aulas de Educação Física carecem de momentos que proporcionem experiências genuínas de movimento, refletindo a integralidade do ser humano. Em vez disso, percebe-se que essas aulas se concentram em atividades que disciplinam o corpo por meio de movimentos mecânicos, repetitivos e isolados, que não fazem sentido para os alunos. Estas atividades estão desvinculadas de emoções e lembranças, seguem padrões rígidos e são conduzidas por comandos do professor. Refere-se que o tempo, o espaço e as ações são determinados pelo professor. Estas ações, geralmente, já são preparadas anteriormente com a participação exclusiva deste. Não se consideram as experiências dos alunos, nem suas preferências, e não é permitida a participação nas decisões – enfim, o aluno é excluído. Se há exclusão de alguns não é uma prática que possibilita a aprendizagem. A vertente tem-se o Esporte da Escola é a perspectiva que abre uma gama de oportunidades para que os alunos interfiram e interajam com as aulas, buscando sempre conhecer e construir o novo. Essa perspectiva de esporte escolar dá ao professor e aluno a autonomia para transformar as regras e algumas formas técnicas dos jogos tradicionais, sem necessariamente usar os mesmos materiais e instrumentos utilizados pelos esportes de alto-rendimento, ou seja, o enfoque das aulas é a criatividade. Além da reflexão crítica faz-se necessário o reconhecimento e valorização da identidade cultural do educando, pois todo indivíduo chega ao seio escolar já trazendo consigo uma bagagem cultural, não se pode restringir apenas ao conhecimento dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, cada um deve ser consciente do seu papel. De acordo com os Parâmetros Curriculares de Educação Física (BRASIL, 1997), o jogo é um dos conteúdos a serem ensinados nas aulas e há a confusão com estratégias, não há uma clara consideração entre os jogos e a relação conflituosa estabelecida pela competição que tem sido o ingrediente mais frequente nas aulas, sob a égide do ideário neoliberal. Para Freire na escola tem subordinado o ensino e a aprendizagem bancária. A prática de Educação Física leva os alunos a repetirem sistematicamente atividades que não estão contextualizadas com o ambiente escolar e que poderiam ser experimentadas em outros lugares. Segundo Paulo Freire, na "Pedagogia do Oprimido", a teoria sem prática se transforma em "verbalismo", assim como a prática sem teoria se torna ativismo. Contudo, ao unir prática e teoria, obtém-se a práxis, que é a ação criativa

e transformadora da realidade. Na escola, questiona-se se, durante as aulas de matemática, o professor utiliza métodos didáticos que acabam punindo o aluno ao excluí-lo da atividade por errar a resolução de um problema. Para Paulo Freire, formar não se resume a treinar o educando para o desempenho de habilidades. Ele afirma que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

A CINESIOLOGIA HUMANA

Diante da crise do paradigma dominante dessa Educação Física, por conta da ambiguidade, a dualidade estabelecida entre o corpo e a mente e a consequente inadequação do termo Educação Física, Mariz de Oliveira (2003) utiliza o conceito Cinesiologia Humana para melhor definir e caracterizar esse componente curricular considerando o objeto de estudo, ou principal, ou característico, ou específico, a ser explorado e desenvolvido nas aulas do componente curricular Educação Física, o movimento humano e por tratar de conhecimentos específicos sobre o movimentar-se do ser humano, apresenta o seguinte objetivo das aulas de Cinesiologia Humana na Educação Escolar Básica.

A palavra "cinesiologia", originária do idioma grego, significa, em sua plenitude, o estudo do movimento humano e já se encontra inserido no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) e Mariz de Oliveira (2010) esclarece ainda que o termo Cinesiologia Humana, não é só a descrição ou anatomia de movimentos, não é simplesmente a ciência e prática da atividade física e não trata unicamente da estrutura funcional do movimento humano. Seu conceito não deve refletir um reducionismo, nem tão pouco um holismo, na medida em que considera os dois como constituintes essenciais de um mesmo conjunto e sim caracterizada pela organização e sistematização de conhecimentos próprios do movimentar-se do ser humano, relacionadas com abordagens e análises biológicas, químicas, físicas, psicológicas, antropológicas, e sociológicas, entre as principais, e em composição com áreas correlatas, citando entre as mais tradicionais, Fisiologia da Atividade Motória, Biomecânica, Desenvolvimento Motório, Controle Motório, e Aprendizagem Motória. Sobre a importância de uma compreensão do mundo que busca estabelecer uma inter-relação entre os conhecimentos, Boaventura de Sousa Santos (2007) destaca a ideia de uma "ecologia de saberes". O movimento humano intencional, por sua vez, possui características que satisfazem as condições de um campo de conhecimento próprio. Conforme Renshaw (1973), o movimento humano abrange desde funções orgânicas básicas até formas de movimento simbólico, incluindo movimentos locomotores, operacionais gerais, expressivos, atléticos, de balé, dramáticos e ritualísticos. Cada forma de experiência de movimento possui suas próprias características, modos de operação, padrões de avaliação e critérios de adequação. Dessa forma, diferentes tipos de conhecimento proposicional (saber que), conhecimento prático (saber como) e experiência pessoal sustentam cada ação específica. Ainda para Mariz de Oliveira (2010) os conteúdos e conhecimentos e as características do processo de aprendizagem, as alunas / os alunos estudam as implicações inerentes ao movimentar-se realizadas tanto no lazer, quanto no trabalho e nas demais atividades do dia a dia, para sobrevivência, vivenciando os respectivos movimentos. É preciso não aceitar o determinismo como um modo de explicação das desigualdades na escola, mas como sujeitos interventores. Não se usa

a adaptação sem a intervenção da realidade. Como educadores deve-se conhecer seus alunos, não podendo desconsiderar os saberes dos grupos populares e a realidade histórico-política social vivenciada por eles, pois todos estão inseridos num ciclo de aprendizagem. A essa atitude, corresponde a expulsão do opressor de dentro do oprimido. Mudar é difícil, mas, é possível e é a partir disto que o professor deve programar sua ação político-pedagógica. Os conhecimentos acerca do movimento humano, para efeito de organização didática, são apresentados em quatro blocos de conteúdos:

(1) estrutura e potencialidades relacionadas com o movimentar-se, envolvendo seus aspectos musculoesquelético, fisiológico, biomecânico, neuromuscular, psicológico, e suas interações;

(2) capacidades relacionadas com o movimentar-se, caracterizadas por especificidades do sistema neurológico-muscular, como, por exemplo, força, velocidade, potência, resistência, equilíbrio, agilidade, tempo de reação, e destreza manual;

(3) habilidades relacionadas com o movimentar-se, envolvendo a aprendizagem e execução de movimentos sem ou com implementos, sem ou com locomoção, e em ambiente estático ou dinâmico;

(4) relacionamento, por meio do movimentar-se, com o meio físico e social, envolvendo o estudo e vivências de situações em que o movimento humano afeta e é afetado pelo ambiente no qual está inserido, destacando-se a possibilidade e importância da ação motória nos processos de integração, interação, comunicação, expressão, controle e transformação.

Para organização didática, às aulas propostas, os blocos estarão relacionados entre si, dando margem a abordagens bastante amplas e dinâmicas através de temas relevantes ao conhecimento de mundo e realidade da cultura infanto-juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tenta-se trazer a reflexão para as práticas pedagógicas nas aulas de Educação física. Trouxe também a relevante reflexão sobre a o termo Cinesiologia Humana. Termo pouco usual, mas que deveria ser estudo de todos os professores de educação física por conta das práticas pedagógicas descontextualizadas e à iniciação e aperfeiçoamento do treinamento esportivo desenvolvido durante as aulas, por isso traz-se como referência Paulo Freire e sua pedagogia de integradora. A proposta é de que o aluno pense no significado social das práticas corporais, na origem histórica, nas relações de poder de que elas são fruto – e que validam ou não determinada prática, em detrimento de outra, entre outros aspectos. Já que o esporte na escola tem por fundamento a abordagem da compreensão de jogos, onde todos e cada um dos alunos podem participar na tomada de decisões. O ensino dos esportes progride por meio da tática de jogo, ao invés das habilidades técnicas esportivas; baseia-se em argumentos táticos, onde os alunos reconhecem que os jogos podem ser interessantes, agradáveis, quando auxiliados e encorajados a tomar decisões baseadas na consciência tática (MENEZES, CAPISTRANO, SOUSA, 2007, p. 96).

As aulas de Educação físicas devem ser planejadas pensando na inclusão de todos os alunos independente do ano ou idade. Quebrar com o paradigma instituído que só alguns têm habilidade e transformar as aulas em momentos de prazer, crescimento e integração. Há, portanto de se compreender que é preciso que o educador sintetize seu aprendizado no que diz respeito ao ensinar, ele precisa saber que ensinar é transferir conhecimento, criando possibilidades para sua produção ou sua construção no aprendizado do aluno. A reflexão crítica é um ponto primordial que o educador tem que sempre inserir na sua ação pedagógica, pois mediante essa relação se fará uma formação permanente dos professores. Ao descobrir a arte de ensinar podemos deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente fazendo com que ele se torne cada vez mais criador de sua própria história e de seu aprendizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Vol. 7, Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional. LDBEN. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.**

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CUNHA, Maria Isabel. **Educação Física, um ato pedagógico**. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, ano 12, n. 53, p. 9-12, 1984.

DARIDO, S. C. **Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física**. Motriz, v. 1, n. 2, p. 124-128, 1995.

_____. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

_____; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DE MARCO, A. (Org.). **Pensando a educação motora**. Campinas: Papyrus, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. **Preparação profissional em educação física**. In: PASSOS, S. C. E. (Org.). **Educação física e esportes na universidade**. Brasília: Universidade de Brasília, p. 225-245, 1988.

_____. **Colóquio sobre a epistemologia da educação física: da educação física a cinesiologia humana**. Conselho Federal de Educação Física. Paraná, julho 2005. Disponível em: . Acesso em: 28 fev. 2020.

_____. **Da educação física a cinesiologia humana**. Seminário de Políticas Públicas para a Educação Física Escolar. Assembleia Legislativa, São Paulo, 2006.

_____. **Educação física escolar: construindo castelos de areia**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 5-11, jan./dez. 1991.

_____. **Educação física: tendências e perspectivas**. Anais I Semana de Educação Física. São

Paulo: Universidade São Judas Tadeu, Departamento de Educação Física, 1993. p. 6-22.

RIBEIRO, Ricardo Yoshio S.; JORGE, Laércio de Moura; SALGADO, Marcelo B. M. S. **O ensino da educação física e a construção da cidadania. Projeto Ler e escrever: desafio de todos.** Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ações Comunitárias e Secretaria Municipal de Educação (CENPEC), São Paulo, nov. 2003. p. 1.

RIBEIRO, R. Y. S.; VASQUINHO, L. H. M. **Esporte na escola: uma abordagem interdisciplinar.** Série: Educação em Ação. São Paulo: Abril Educação, 2012. 104 p.

SEE/SP. **Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Edição especial da proposta curricular, 2008.**

VIEIRA, Adriano; JORGE, Laércio de Moura. **Concepção de área construída historicamente.** Projeto Ensinar e Aprender. CENPEC: São Paulo, 2003.